

Com impulso de governo e reabertura, PIB tem alta forte

Conjuntura Economia brasileira avançou 1,2% no segundo trimestre

Com reabertura e estímulos do governo, PIB tem alta forte

De São Paulo e do Rio

A economia brasileira teve crescimento expressivo no segundo trimestre, de 1,2% em relação ao trimestre anterior, refletindo o forte impacto da retomada das atividades presenciais, com o fim das restrições adotadas na pandemia, e das medidas de estímulo do governo, como a liberação de recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e a antecipação do 13º salário para aposentados e pensionistas. O resultado superou o 0,9% do consenso dos economistas ouvidos pelo Valor Data, ficando ainda ligeiramente acima do 1,1% registrado no primeiro trimestre. Espalhado pelos diversos setores da economia, a expansão foi puxada pelo consumo das famílias e pela indústria, pelo lado da demanda, e pelos serviços e pela indústria, pelo lado da oferta.

Com o desempenho acima do esperado e as medidas de transferência de renda previstas para o segundo semestre, os analistas promoveram uma rodada de revisões para cima das projeções para o crescimento de 2022. As novas estimativas apontam em geral para um avanço do PIB na casa de 2,5% ou mais. Os mais otimistas esperam um crescimento acima de 3%; os mais cautelosos, na casa de 2% (ver mais na página A5).

Depois do primeiro semestre forte, a expectativa é de uma perda de fôlego na segunda metade do ano e especialmente no ano que vem. No segundo semestre, contudo, o pacote de bondades adotado para tentar melhorar a popularidade do presidente Jair Bolsonaro ainda dará um gás à economia, principalmente o aumento do Auxílio Brasil de R\$ 400 para R\$ 600. Para 2023, o quadro deverá ser

mais complicado para a atividade. O impacto do ciclo de alta de juros deverá frear a economia, encarecendo o crédito e com consumidores endividados. Além disso, a incerteza sobre as contas públicas tende a cobrar seu preço.

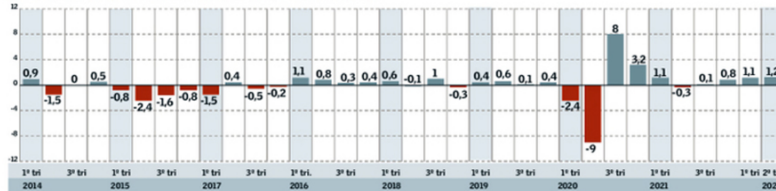
"A economia teve um desempenho surpreendentemente bom durante o primeiro semestre de 2022, apesar do aperto significativo das condições financeiras e da aceleração da inflação", disse o economista Alberto Ramos, diretor de pesquisa para a América Latina do Goldman Sachs. "A atividade de serviços foi particularmente robusta durante o primeiro semestre, principalmente entre os segmentos mais impactados pela pandemia. A resiliência do crescimento deveu-se, em grande medida, ao estímulo da política fiscal, um mercado de trabalho mais forte do que o esperado, preços firmes de commodities, fluxos de crédito resilientes, redução da poupança acumulada do setor privado e o impacto de curta duração e mais brando do que o esperado da ômicron."

Os economistas da LCA Consultores ressaltam o crescimento dos serviços pelo lado da oferta. Os destaques foram as outras atividades de serviços e o segmento de transporte e armazenagem, que avançaram 3,3% e 3% em relação ao trimestre anterior. Segundo a LCA, isso ainda é reflexo "do processo de superação dos efeitos da pandemia de covid-19, com a retirada praticamente total de medidas restritivas, o aumento da mobilidade e das atividades presenciais". No segmento de outras atividades de serviços, estão justamente os serviços presenciais, "que estavam repressados durante a pandemia, como restaurantes e hotéis", lembrou a coordenadora de Contas

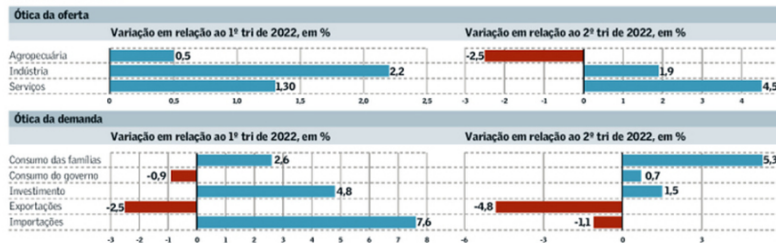
Melhora de cenário

Economia brasileira tem quatro trimestres de alta pela 1ª vez desde 2019

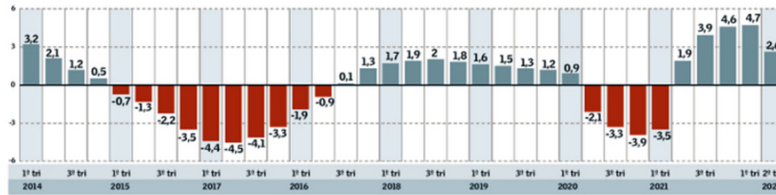
■ Variação do PIB nacional ante o trimestre imediatamente anterior, em %



■ Componentes do PIB



■ Variação do PIB no acumulado em quatro trimestres, em %



Nacionais do IBGE, Rebeca Palis. No segundo trimestre, o comércio também foi bom, com alta de 1,7%.

A indústria também teve um desempenho firme no segundo trimestre, com avanço de 2,2%. Todos os segmentos cresceram em relação ao trimestre anterior, com expansão firme da construção civil, de 2,7%, e de serviços industriais de utilidade pública (que engloba eletricidade), de 3,1%. "Apesar dos juros mais elevados, o contexto eleitoral favorece o setor de construção, sobretudo por causa dos investimentos dos governos regionais", diz a consultoria, observando ainda que o segundo segmento se beneficiou da melhora do regime de chuvas. Com menos restrições nas cadeias globais de produção e a ajuda da redução do IPI, a indústria de transformação subiu 1,7%. Ainda pelo lado

da oferta, a agropecuária teve um desempenho mais modesto, com alta de 0,5%.

Pelo lado da demanda, o consumo das famílias avançou 2,6%, e o investimento, 4,8%. "Em relação ao consumo das famílias, o avanço espelha a combinação de uma melhora no mercado de trabalho e os impactos da liberação de saques do FGTS e adiantamento do 13º para aposentados e pensionistas", destacou a consultoria 4Intelligence, para quem esse quadro "potencializou" os gastos dos consumidores "mesmo durante período marcado pela aceleração nos preços". Já no caso do investimento o segmento trimestre ficou marcado pelo avanço forte da construção e do desenvolvimento de softwares, disse a consultoria. O consumo do governo recuou 0,9%. O setor externo, por sua vez, teve

contribuição negativa para o PIB do segundo trimestre, porque as importações cresceram 7,6%, enquanto as exportações recuaram 2,5%. Nos cálculos de Ramos, o setor externo "tirou" 1,34 ponto percentual da expansão do PIB de abril a junho.

Na segunda metade do ano, a atividade tende a ser mais fraca. O mercado de trabalho, porém, tem mostrado um bom desempenho, com queda do desemprego, num quadro de criação expressiva de vagas, embora os números do trimestre até julho tenham indicado alguma acomodação. Para Lívio Ribeiro, sócio da BRCG Consultoria, a atividade poderá ter um bom desempenho também no segundo semestre, "no esteio da retomada cíclica em alguns setores (especialmente serviços) e dos anabolizantes de renda concedidos pelo governo, seja em transfe-

rências (renda nominal) ou recuo artificial da inflação (renda real)".

Mais cauteloso, o Itaú Unibanco manteve a visão de que a economia permanecerá "relativamente estável até o fim deste ano, com alta de 0,1% no terceiro trimestre e queda de 0,1% no quarto. "O estímulo fiscal provavelmente será compensado pelos efeitos da política monetária contractionista e pela desaceleração da atividade global", dizem os economistas do banco. A desaceleração mais forte da economia deverá ficar para 2023, com os aumentos expressivos dos juros em fim batendo com mais força na atividade. Além disso, as incertezas fiscais poderão segurar o investimento. (Sergio Lamucci, Marsileia Gombata, Marta Watanabe, Anaís Fernandes, Luciane Carneiro e Alessandra Saraiva)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 4